

## Apresentação

Ana Raquel Portugal  
Liliana Regalado de Hurtado  
(orgs.)

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

PORTUGAL, AR., and HURTADO, LR., orgs. Apresentação. In: *Representações culturais da América indígena* [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015. Desafios contemporâneos collection, pp. 7-11. ISBN 978-85-7983-629-9. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

---



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

# APRESENTAÇÃO

Os povos indígenas têm sido representados ao longo dos séculos através de imagens e escritos que auxiliam na construção de sua memória histórica. No período anterior à chegada dos europeus, pinturas em paredes de templos, esculturas e outros meios foram utilizados para conservar narrativas mitológicas, descrições de costumes e do cotidiano das populações autóctones. No período da conquista, os europeus passaram também a descrever os povos americanos, depreciando-os ou buscando compreender suas características culturais. Nos dias de hoje, produções fílmicas e trabalhos de campo também ajudam a repensar a memória dessas populações. As representações simbólicas da América indígena nos permitem uma aproximação às várias histórias desses povos, que foram contadas de distintas formas de acordo com a época e os interesses vigentes. Estudos atuais resgatam a oralidade desses grupos étnicos descortinando suas crenças, costumes, símbolos, que possibilitam uma aproximação à sua realidade cultural. Nesta obra, os autores recorrem a documentos iconográficos, cronísticos, fílmicos, registros orais, bem como à historiografia, para abordar diferentes temas relativos à representação cultural dos grupos indígenas.

A primeira parte desta obra, composta pelos textos de Liliana Regalado de Hurtado, Ana Raquel Portugal e Susane Rodrigues de

Oliveira, aborda questões historiográficas e de representação das populações indígenas. Em “Los traslados institucionalizados de poblacion en los Andes prehispánicos”, Liliana Regalado de Hurtado realiza o estudo de como se registraram nas fontes coloniais diversos traslados de população organizados pelas autoridades (curacas e incas) no período pré-hispânico para analisar a problemática levantada pelo estudo de um desses grupos em particular: a população denominada Mitmaqkuna, em língua quéchua. Já Ana Raquel Portugal, em “Confluência cultural nas crônicas das Índias”, faz uma análise desse tipo de fonte, explicando suas principais características e finalidades para a compreensão da história do Novo Mundo colonial. São analisadas, especificamente, algumas crônicas produzidas por espanhóis e indígenas dos séculos XVI e XVII para conhecer as práticas culturais vividas por esses homens e que podiam expressar processos de adaptação cultural e resistência. Em “Ensino de História indígena: trabalhando com narrativas coloniais e representações sociais”, Susane Rodrigues de Oliveira apresenta algumas reflexões teóricas e propostas metodológicas para o uso de narrativas coloniais no ensino de História indígena na educação básica. Ela propõe o uso de crônicas, cartas, tratados e relatos de viagens que descrevem as sociedades indígenas da América antiga e colonial, mas sabendo qual abordagem utilizar ao trabalhar com essas fontes como objeto de pesquisa histórica, como voz de sujeitos históricos e como discursos carregados de sentidos, valores e representações do passado que precisam ser problematizados.

A segunda parte do livro trabalha com narrativas e iconografia sobre a América indígena. O primeiro texto apresenta relatos portugueses e franceses sobre os indígenas costeiros do Brasil produzidos durante o século XVI. “Idealização, exaltação e degeneração da natureza e dos habitantes do Brasil nos relatos dos viajantes europeus durante o século XVI e início do século XVII”, escrito por Vinícius Pires, busca elucidar que não houve uma constância nesses relatos como comumente aponta a historiografia, a saber, a representação que foi difundida pelos viajantes e religiosos normandos, concedendo características nobres ao índio, e a que foi disseminada

pelos colonos e religiosos lusitanos, caracterizando-o de maneira depreciativa. Assim, o objetivo principal desse estudo é destacar a alternância nessas narrativas, em contraposição à constância. Já Ana Paula da Silva, em “História e memória: os Tupinambá e o seu tempo”, tem como objetivo principal discutir a trajetória de alguns narradores indígenas que dialogaram com os missionários franceses d’Abbeville e d’Évreux no século XVII sobre diferentes aspectos da vida social e cultural dos Tupinambá. A autora argumenta que, diferentemente dos Andes, onde são encontradas versões nativas do processo de colonização, como a crônica de Guamán Poma de Ayala, na América portuguesa existem poucas fontes e iconografias de autoria indígena, salvo alguns documentos como as cartas dos chefes indígenas Potiguara Felipe Camarão e Pedro Poty. Ao evidenciar esses indígenas, ela chama a atenção para as possibilidades de pesquisa a partir de discursos, *paroles*, biografias indígenas, campos pouco explorados pela historiografia. Luiz Fernando Medeiros Rodrigues e Gabriele Rodrigues de Moura, no texto “‘*De diversis linguis de la Guarani*’: as representações sobre Guarani e Macro-Jê nas *reducciones* do Guayra”, analisam as representações presentes na documentação oficial da Companhia de Jesus, durante a primeira metade do século XVII, onde encontram diversas informações acerca de indígenas que não pertenciam ao grupo étnico-linguístico Tupi-Guarani, moravam dentro das reduções jesuíticas e foram catequizados pelos missionários. Para fazer tal análise, recorreram à documentação escrita pelo padre Antonio Ruiz de Montoya, S.J., que fornece inúmeras informações, a partir de sua visão de mundo sobre esses dois grupos indígenas e como eles se relacionavam entre si ao terem que conviver dentro das reduções. “Indígenas americanos na obra de Jacques Arago (1817-1854)”, de Daniel Dutra Coelho Braga, analisa a forma como o desenhista francês Jacques Étienne Victor Arago (1790-1854), tripulante da expedição científica de Louis de Freycinet, representou indígenas do Brasil e do arquipélago do Havaí. Arago circunavegou o globo terrestre junto à expedição entre 1817 e 1820, publicando em 1823 uma narrativa epistolar referente à viagem. Também escreveu posteriormente o romance *Souvenirs d’un Aveugle*, ilustrado com gravuras de

sua autoria. No intuito de compreender as funções e concepções que regem tais representações, o autor estabelece, através dos pressupostos da história cultural conforme elaborada por Roger Chartier, comparações com outras produções da época. Destacam-se, nesse sentido, o relatório científico do próprio Freycinet, bem como obras do também viajante Ferdinand Denis e do naturalista Bernardin de Saint-Pierre, as quais representam tendências preponderantes na forma como nativos americanos eram representados na cultura europeia, em suas vertentes iluminista e romântica de tradições textuais, estruturadas em torno de ideias específicas de natureza, cultura e civilização. Assim, Daniel Braga compreende a obra de Arago não como um todo homogêneo, mas como um corpus complexo, por vezes com elementos divergentes, no qual cada representação exerce funções sociologicamente diferenciadas, variáveis de acordo com o posicionamento social do autor, sobretudo em relação ao Estado francês.

A última parte desta obra possui trabalhos relativos à oralidade e ao universo cultural indígena. “Narrativas orais e línguas indígenas em Roraima: educação e preservação da memória e do patrimônio histórico”, de Ananda Machado, discute a oralidade e as línguas indígenas como memória histórica dos povos. Segundo a autora, as narrativas mitológicas, as descrições pelos senhores(as) da memória sobre seus costumes e os desafios do cotidiano existem desde antes do período inicial da colonização e reforçam suas características culturais, linguísticas e as representações simbólicas. Os estudos da pesquisadora com os indígenas Macuxi e Wapichana em Roraima levaram em conta narrativas referentes a documentos, peças e pinturas arqueológicas, bem como a história social das línguas, as crenças, as danças e o artesanato indígena. No texto, a autora propõe a construção de processos de educação e preservação patrimonial nas escolas e comunidades indígenas. Cláudia Nascimento Oliveira, Kelli Carvalho Melo e Adnilson de Almeida Silva, em “A colonização da região amazônica: as transformações de uma cultura após o contato com a sociedade envolvente”, analisaram a etnia Suruí, vivenciando seus costumes e as transformações no modo de vida da aldeia Apoena Meireles em virtude do contato constante com o homem branco. Mesmo

com as mudanças, os autores afirmam que muitas tradições ainda estão evidentes e presentes no dia a dia da aldeia. No último texto desta obra, Ananda Catrice Lima da Cunha, Luís Carlos Mareto e Adnilson de Almeida Silva apresentam seu estudo sobre esse mesmo grupo amazonense, mas buscando a “Representação cultural paiter suruí”. Para compreender essa construção de signos nos espaços culturais indígenas, os autores realizaram trabalho de campo na aldeia Sete de Setembro, localizada no Mato Grosso. Partindo da análise do ritual indígena da festa do Mapimái ou de Criação do Mundo, os autores puderam identificar como essa etnia continua mantendo suas origens mesmo com a forte influência do homem branco. Temos, assim, dois trabalhos sobre o grupo Suruí, que mostram seu universo simbólico e como essa etnia vem redefinindo seus espaços para preservar as tradições mesmo em contato com o homem branco.

A obra aqui apresentada destaca a permanência da problemática da representação e compreensão da realidade das populações aborígenes desde a época da conquista e colonização até nossos dias. Este conjunto de trabalhos mostra que, apesar de obedecer a lógicas diferentes, as representações aborígenes se imbricaram com as ocidentais mesmo que, durante vários séculos, tenha havido uma forte e constante tensão entre ambas. Essa relação levou historiadores, antropólogos e linguistas, a partir de diferentes perspectivas e com diferentes tipos de fontes, a voltarem com novo ímpeto a remexer nos discursos contidos nos testemunhos para tratar de encontrar o tradicional e o novo, o permanente e o que mudou nas representações e na identidade de nossas populações nativas, enfatizando sua contribuição cultural e social à configuração de nossas sociedades modernas e contemporâneas.

Esperamos que nossos leitores encontrem nestas páginas não simplesmente informação, mas também uma fonte de reflexão, análise e discussão.